

Desenvolvimento, perplexidade e crise: que está acontecendo? (con)

Augusto L. Dias
Carneiro *

Consideremos três vinhetas:

O armador que procurar um estaleiro no Japão ou na Coréia do Sul, objetivando a construção de um navio, ouvirá a solicitação de que deve voltar em 1997. Enquanto isso, a indústria naval brasileira, que já foi uma das três maiores do mundo, arrasta-se na beira da insolvência.

Tivemos, em nosso escritório, durante dois anos, conhecimento de que certa indústria norte-americana oferecia um contrato de fornecimento de autopeças, por cinco anos, no valor de US\$ 50 milhões anuais. Impossibilitada de concatenar a) uma empresa que produzisse a liga de alumínio, b) uma empresa que fundisse essa liga, c) uma empresa que usinasse essas peças fundidas e d) uma empresa que exportasse as peças prontas para a montadora no regime "just-in-time", a empresa estrangeira desistiu e foi procurar no México e na Coréia do Sul.

Fala-se em crise no mercado de capitais, no fato de as bolsas, deprimidas, estarem negociando papéis de empresas por uma fração ínfima de seu valor contábil. No entanto, quando um cliente nos procurou recentemente, objetivando que encontrássemos investidores para seu projeto, recebemos verdadeira enxurrada de respostas.

O que está acontecendo? Permitam-me arriscar uma resposta:

1) *Uma crise de organização.* Mais do que dinheiro, o que nos falta no Brasil é organização. Os dias do governo paternalista estão para trás. Em que pese o extraordinário serviço que o Itamaraty presta a potenciais exportadores — serviço esse desconhecido da maioria das empresas e que, aliás, não tem nada de paternalista —, chegou a hora de as empresas começarem a trilhar seus próprios caminhos. Os próprios empresários devem aprender a organizar-se entre si — em estruturas *ad hoc*, não em organizações de classe — para fazerem acontecer negócios que envolvam mais de uma empresa.

2) *Uma crise de confiança.* Os investidores estrangeiros estão lentamente voltando a

considerar investimentos no Brasil. As empresas mexicanas têm uma importante lição a nos ensinar: em 1989, aceitaram pagar 15% ao ano para colocar seus papéis em Nova York. Honraram no vencimento, captaram novamente a 13% ao ano, honraram novamente e, hoje, rotineiramente, captam a 9% ao ano. Talvez este seja o preço que se deva pagar para convencer a comunidade financeira internacional de que não pretendemos outro calote.

3) *Uma crise do governo.* O governo embarcou em ambicioso redesenho da economia, cuja pedra angular — a reversão de sua própria hipertrofia — ainda não mostrou resultados tangíveis. Na Itália de dez ou quinze anos atrás, a situação era muito semelhante e os empresários — essencialmente ignorando o governo — partiram para suas próprias soluções, ditas "de mercado". A Itália de hoje é prova cabal de que isso funciona. O papel do governo deve resumir-se em a) cuidar da coisa pública e b) promover um clima de estabilidade econômica que dê mais previsibilidade à já muito difícil tarefa que é ser investidor no Brasil.

4) *Uma crise de soluções.* O Brasil é o último país do mundo onde os economistas estão no epicentro da formação de políticas. Observo isso tanto no governo quanto na iniciativa privada. Dada a quantidade de seminários, dados por especialistas internacionais com sobrenomes seguidos de cripticas siglas, e, diga-se de passagem, sem nenhum problema de audiência, também será o último país do mundo onde ainda se acredita na fórmula fácil e na solução mirabolante.

5) *Uma crise de reclamações.* Antigamente dizia-se: o gaúcho governa, o paulista trabalha, o mineiro conspira e o carioca reclama. Parece que a síndrome que aflige os cariocas se propagou pelo resto do País. Reclamar é fácil, e todos nós temos muitas razões para fazer isso todos os dias, mas reclamação jamais deve substituir a ação.

* Bacharel em Ciências pelo Instituto Tecnológico de Massachusetts e mestre em Administração pela Universidade da Califórnia, Los Angeles. Sócio da Zaitech Consultoria Ltda., no Rio de Janeiro.